

# Entrevista

## A medievalística e o “território do historiador”: entrevista com Hilário Franco Júnior

Georgina Silva dos Santos [\*]

[\*] Professora associada de História Moderna, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói (RJ), Brasil. E-mail: georginasantos@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3946-8685>

**Resumo:** Nesta entrevista, Hilário Franco Júnior (1948- ), professor livre-docente aposentado da Universidade de São Paulo, reflete sobre temas e debates propostos pelos medievalistas e sobre algumas fases de sua trajetória acadêmica, que reúne mais de uma dezena de livros sobre Idade Média e dois prêmios Jabuti.

**Palavras-chave:** Idade Média; Medievalística brasileira; Hilário Franco Júnior (1948- ).

*Medievalism and the “historian’s territory”: Interview with Hilário Franco Júnior*

**Abstract:** In this interview, Hilário Franco Júnior (1948- ), retired professor at the University of São Paulo, reflects on the themes and debates proposed by medievalists, and some phases of his academic career, which brings together more than a dozen books about Middle Age and two Jabuti awards.

**Keywords:** Middle Age; Medieval studies in Brazil; Hilário Franco Júnior (1948- ).

Com uma longa carreira docente na Universidade de São Paulo e períodos como professor visitante em universidades do país e do exterior, Hilário Franco Júnior é reconhecido, no mundo acadêmico, como um dos principais medievalistas brasileiros. É membro fundador da Associação Brasileira de Estudos Medievais (Abrem), que presidiu entre 1998 e 2001, criando a primeira revista do Brasil dedicada exclusivamente aos estudos medievais. Aposentado das lides da docência, distante de relatórios e reuniões departamentais, vive hoje entre Portugal e França. Entretanto, continua integrando o conselho consultivo da Abrem, do Centro de Estudos Medievais da Universidade da Borgonha (CNRS), em Auxerre, pensando e escrevendo sobre a Idade Média.

**Georgina Silva dos Santos:** O impacto das transformações climáticas atuais tem desafiado historiadores a se debruçarem sobre o assunto. Mas a obra de Emmanuel La Roy Ladurie, *Histoire du climat depuis l'an mil* veio a público em 1967 e foi pioneira sobre o tema. Os medievalistas estiveram sempre na vanguarda da historiografia?

**Hilário Franco Júnior:** Desde Heródoto, por condição quase inelutável, os historiadores partem do presente para estudar o passado, não o contrário, como muitas vezes se pensa. Consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, o presente do historiador fornece os temas sobre os quais ele trabalha. No caso em questão (Ladurie, 2009), não é despropositado imaginar que algumas anomalias climáticas do seu momento histórico estimularam sua curiosidade por fenômenos semelhantes no passado: em 1964, na França (e um pouco por toda Europa) o inverno foi seco, a primavera fria e com neve; em 1965, o verão foi frio, teve máximas entre 10°C e 14°C em várias cidades; em 1966, o verão além de frio, foi úmido, com nevascas em algumas regiões. Embora tenha, às vezes, trabalhado com temas medievais, sobretudo em *Montaillou, village occitan de 1294-1324*, que vendeu mais de dois milhões de exemplares em uma trintena de línguas (Ladurie, 2009), Ladurie foi modernista, não medievalista, de profissão. Contudo, seu vanguardismo lembra o dos medievalistas, que, é verdade, desde Johan Huizinga e Marc Bloch, passando por Georges Duby e Jacques Le Goff, em vários momentos estiveram na ponta da historiografia por seus métodos e temas, ampliando o “território do historiador”, na consagrada expressão de Ladurie. É a estreiteza original do território dos medievalistas – documentação comparativamente restrita e sociologicamente viciada, produzida na quase totalidade pelo clero – que os força a explorar de forma criativa aquilo que têm em mãos.

**GSS:** Que pensadores influenciaram a sua formação intelectual? Por que?

**HFJ:** Ao contrário do que era comum na minha época de graduando e de doutorando, nunca tive um pensador-mestre, sempre acreditei, como Tomás de Aquino, que é preciso

desconfiar (ele fala em “temer”) do homem de um livro só. Sobretudo se é um livro que “ensina” como pensar. Aqui acompanho Nietzsche: “desconfio de todos fabricantes de sistemas e me afasto de seu caminho.” Por outro lado, é evidente, ninguém pensa *ex nihilo*, e tive, ainda tenho, uma longa série de autores que me guiam, me estimulam, embora não poucas vezes me afaste de algumas de suas reflexões e proposições. Para reduzi-los ao essencial, fiquemos com três deles: Montaigne, Freud, Le Goff. Montaigne pela sua independência intelectual, pela sua humanidade, pelo relativismo com que olhava todas as coisas numa época muito presa a convicções de todos os tipos (como neste princípio de século XXI). Sua lição é preciosa: “Para mim, todos os argumentos são igualmente férteis.” O elogio que ele faz à ignorância não é a da ausência de conhecimento, e sim de uma ignorância erudita que, graças a muita leitura, muita observação, muita vivência, muita reflexão, percebe que só domina saberes parciais, fragmentados, incompletos. Dessa maneira, pode-se chegar socraicamente à única sabedoria sólida, a de saber que nada se sabe. Freud, por permitir explorar facetas do comportamento humano que a história anteriormente desconhecia, mesmo se continua em aberto na psicanálise o problema da aplicação para coletividades de conceitos formulados para indivíduos. Como Montaigne, mas com outros métodos, ele também detecta o relativismo que se deve ter, mesmo em relação ao próprio trabalho, como faz ao perguntar, retoricamente, em carta a Einstein: “Não será verdade que toda ciência se reduz, no final das contas, a um certo tipo de mitologia?” Relativismo indispensável, em especial a respeito de matérias que o negam por definição: “toda religião é uma religião de amor para aqueles que a adoram, e inclinada à crueldade e à intolerância para aqueles que estão excluídos dela.” Le Goff, por saber ler para além do sentido literal dos documentos históricos, revelando uma riqueza anteriormente insuspeita da Europa medieval. A fecundidade do seu trabalho fica patente ao verificar a ampliação de novos temas, tratados na sua visão de conjunto da Europa em *La civilisation de l’Occident médiéval*, traduzido em vinte línguas, inclusive o português (Le Goff, 1983), temas que ele próprio ou seus discípulos desenvolveriam depois em livros específicos: cores, gestos, corpo, iconografia (“abordar a civilização medieval apenas por meio dos textos seria ter dela uma imagem falsa e edulcorada”), sensibilidades etc. Tudo isso, ciente de que a nova massa de dados assim levantada não é importante em si mesma, pois a história não é um conjunto de fatos, é o significado atribuído a eles, o que muda a cada uma ou duas gerações de historiadores.

**GSS:** Você foi um dos grandes responsáveis pela consolidação da área de história medieval no país em um tempo em que só a história do Brasil merecia o respeito acadêmico. Como foi esse processo?

**HFJ:** Eu diria que no princípio, década de 1980, não foi fácil. O pouco que havia de financiamento de pesquisa raramente era destinado a trabalhos de história medieval, os editores

eram reticentes em aceitar textos dessa área. Mas, a bem da verdade, nas universidades privadas e públicas em que trabalhei o interesse dos alunos nunca faltou. Talvez devido a esse movimento vindo de baixo, é que, com o tempo, a posição dos órgãos financiadores e dos editores tenha começado a mudar. Como expressão dessa nova popularidade da área, em 1996 um grupo de colegas, do qual fiz parte, pôde criar a Associação Brasileira de Estudos Medievais (Abrem), cujos congressos sempre contaram com um grande público e despertaram entusiasmo. Nesse contexto, na minha presidência da Abrem criei, em 1998, a primeira revista brasileira dedicada exclusivamente à Idade Média: a *Signum*.<sup>1</sup> Revista, ousou dizer, de nível internacional, graças à colaboração preciosa de duas amigas e colegas, Lênia Márcia Mongelli (Letras-USP) e Eliana Magnani (CNRS-França). Apesar da inevitável flutuação de prestígio, dependente de cada geração de pesquisadores e professores, acredito que se possa afirmar que hoje a história medieval está solidamente instalada na paisagem acadêmica brasileira.

**GSS: *A Eva barbada e os Três dedos de Adão* discutem, com máxima competência, as relações entre mito e história e o caráter extrabíblico de muitos elementos da mitologia cristã. O diálogo com a antropologia, a pluralidade das fontes, a erudição, são incontornáveis para quem estuda o imaginário religioso de uma época. E o que mais forma um bom medievalista?**

HFJ: Marc Bloch dizia que o bom historiador deve ser como o ogro da lenda, gostar de carne humana e procurá-la em toda parte. A imagem tornou-se famosa, tendo sido aplicada a grandes medievalistas homenageados por obras coletivas, como *L'ogre historien: Autour de Jacques Le Goff*, dirigida por Jacques Revel e Jean-Claude Schmitt (1999) e *Come l'orco della fiaba: Studi per Franco Cardini*, organizado por Marina Montesano (2010). Com isso quero dizer que não basta a erudição específica sobre a Idade Média, é preciso um olhar aberto a outras áreas e épocas. A curiosidade intelectual é essencial. Por isso, nas duas obras citadas na pergunta (Franco Júnior, 1996; 2010) e talvez mais ainda na terceira parte dessa trilogia de ensaios sobre a mitologia medieval, *A serpente, espelho de Eva* (no prelo pela Edusp) há reflexões de método fundadas não somente nas ciências humanas. E estudos que acompanham determinados fenômenos na longa duração histórica. E recurso à documentação dos mais variados tipos e procedências. Enfim, penso que bom medievalista é aquele que conhece não apenas uns poucos temas ou décadas, e sim o conjunto – alargado, aquilo que Le Goff chamou de “longa Idade Média” – daqueles séculos nas suas múltiplas facetas.

<sup>1</sup> O periódico da Associação Brasileira de Estudos Medievais está disponível em <https://abrem.org.br/index.php/signum>. Acesso em: 10 jun. 2024.

**GSS:** Em um mundo que flerta com um futuro distópico, como o tema das utopias medievais, recorrente em sua obra, pode promover uma reflexão propositiva?

**HFJ:** Antes de tudo, queria ressaltar que o historiador das utopias não é um utopista. Posto isso, é claro que se pode extrair ensinamentos importantes das utopias do passado examinadas em profundidade, isto é, no cruzamento da história social com a história das ideias, a história religiosa, a antropologia, a psicologia. Na construção desse objeto, a questão conceitual é essencial, porque está cercada de muitas imprecisões e polêmicas. Por essa razão, no meu *Em busca do paraíso perdido: as utopias medievais* (Franco Júnior, 2021) reservei a ela uma das três partes do livro, 153 páginas. Equacionada essa questão, embora nunca chegue a ser consensual, quero crer que o leitor atento tem material suficiente para realizar suas próprias reflexões. Mas – é evidente – com os devidos cuidados para não transpor mecanicamente para o século XXI propostas concebidas para a realidade medieval. Dito de outra maneira, estudar as utopias medievais é um exercício intelectualmente estimulante, sem que possa disso extrair soluções para as dificuldades presentes.

**GSS:** Com uma carreira muito bem-sucedida como medievalista, você lançou seu olhar sobre o futebol e surpreendeu o público ao escrever dois livros sobre o tema. O interesse por torneios esportivos foi gestado em paralelo com suas pesquisas sobre Idade Média?

**HFJ:** Sim, porque historiador não é alguém que vive no passado. Marc Bloch contou um episódio expressivo a respeito, que reproduzo de memória. Ele passeava por uma cidade junto com outro grande medievalista, o belga Henri Pirenne, que disse querer visitar um edifício ali recentemente construído e justificou sua intenção: se fosse antiquário aquela modernidade não lhe interessaria, mas sendo historiador estava aberto às obras humanas de todos os períodos. Foi nesse episódio que Marc Bloch se inspirou para criar a metáfora do ogro historiador. Ora, o futebol é um produto social que me parece merecer atenção acadêmica, longe das platitudes jornalísticas, dos chavões populares. E foi, pessoalmente, um exercício muito interessante, no qual pude aplicar a um novo objeto leituras e reflexões de antropologia, ciência religiosa, linguística, psicanálise, sociologia. O alargamento dessas reflexões, acredito, enriqueceram meus seguintes trabalhos medievalísticos. Nunca é demais insistir que o conhecimento é um grande bloco, que se, atualmente, ninguém pode pretender abarcar, como fizeram Aristóteles ou Leonardo da Vinci nas suas épocas, não deve ser recortado em campos impermeável e esterilmente isolados. Sei que as regras atuais do jogo acadêmico levam a recortes estreitos e rígidos, porém, o historiador deve antes de tudo ser um intelectual, na acepção etimológica do termo, sem a conotação elitista e pejorativa que a palavra ganhou nos últimos tempos. Idealmente, o historiador para bem com-

preender o período que estuda, qualquer que seja ele, precisa conhecer a fundo sua arte, literatura, filosofia, religião, política, economia, demografia.

**GSS:** Você formou várias gerações de medievalistas na USP. Como vê a produção da área atualmente?

**HFJ:** Estando há vários anos fora do país, não posso dizer que tenho uma visão abrangente e precisa da situação atual. Mas tenho indicações positivas. Hoje as condições de bolsas de estudo, de atualização de bibliotecas universitárias, de importação pessoal de livros, de acesso informático a fontes primárias e textos – tudo, ou quase, inexistente na minha época – permite um salto, qualitativo, significativo da produção medievalística nacional. Os resultados continuam, todavia, a depender muito das competências e empenho pessoais de cada um. E também da capacidade de evitar certas armadilhas do contexto acadêmico. Como lembrei, anteriormente, todo historiador tem a tendência muito humana de projetar no passado as angústias e expectativas do seu presente. O fato é incontornável, porém, precisa ser policiado pelo próprio historiador, sobretudo em período de radicalismos como o nosso. Por exemplo, é preciso cuidado para, da globalização atual, não se extrapolar para uma suposta “história conectada” da Idade Média: os contatos e as trocas interculturais sempre existiram, mas colocar nisso a tônica do período é exagero. Outro exemplo é o da atual indignação pelo escravagismo e imperialismo da Época Moderna, atitude moralmente legítima, contudo, epistemologicamente anacrônica, por julgar (e isso não cabe *já* ao historiador) uma época tomando como referencial os valores de outra época. Em suma, se o potencial existente for bem explorado e os filtros ideológicos funcionarem a contento, pode-se ser otimista quanto ao futuro da medievalística brasileira.

## Referências

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 1996.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Em busca do paraíso perdido: as utopias medievais*. Cotia: Ateliê, 2021.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A serpente, espelho de Eva: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, no prelo.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Histoire du climat depuis l'an mil*. Paris: Flammarion, [1967] 2009.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Montaillou: cátaros e católicos numa aldeia francesa (1294-1324)*. Lisboa: Edições 70, [1975] s.d.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, [1964] 1983. 2v.

MONTESANO, Marina (org.). *Come l'orco della fiaba: Studi per Franco Cardini*. Firenze: Sismel-Galluzzo, 2010.

REVEL, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *L'ogre historien: Autour de Jacques Le Goff*. Paris: Gallimard, 1999.